

SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS
ORIENTAÇÕES PARA ESCOLA – AEE

TRANSTORNOS DE LINGUAGENS

(Dislexia, Dislalia, Disortografia, Disgrafia e Discalculia)

- **O que é?**

DISLEXIA: É um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas.

DISLALIA: É um distúrbio que acomete a fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras. A pessoa portadora de dislalia troca as palavras por outras similares na pronúncia, fala erroneamente as palavras, omitindo ou trocando as letras. Resumidamente, as manifestações clínicas da dislalia consistem em omissão, substituição ou deformação dos fonemas.

DISORTOGRAFIA: É um tipo de dificuldade de aprendizagem relacionada à linguagem, caracterizada por um transtorno da escrita, incluindo inversões, aglutinações, omissões, contaminações, alterações internas da palavra e como consequência, desordem na categoria e estrutura da frase. A disortografia reflete um processo cognitivo da linguagem defeituoso e não se refere à falta de correção motora. Os sintomas da disortografia estão relacionados a numerosos erros de ortografia, manifestados logo que se tenham adquirido os mecanismos da leitura e da escrita. A disortografia, assim como outros distúrbios de aprendizagem, não é considerada uma doença, trata-se de uma dificuldade que pode ser contornada com acompanhamento adequado, direcionado as condições de cada caso.

DISGRAFIA: É um transtorno da psicomotricidade, que afeta como o aluno associa a grafia da letra, bem como quão claramente a criança utilizará a linguagem escrita para expressar

suas idéias e pensamentos. Assim, manifesta-se tanto em relação à caligrafia quanto em relação à coerência. A disgrafia pode ocorrer sozinha, associada a dislexia, ou ainda associadas a dificuldades de aprendizagem de linguagem oral e escrita. Sinais: geralmente caligrafia ilegível, apesar do tempo apropriado e a atenção dada a tarefa; palavras ou letras inacabadas; palavras omitidas; posição inconsistente na página em relação a linhas e margens; espaços inconsistentes entre palavras e letras; misturas de formas de impressão e cursivo, superior e minúsculas, tamanhos irregulares, ou inclinação das letras.

DISCALCULIA: É um transtorno de aprendizagem caracterizada por uma inabilidade ou incapacidade de pensar, refletir, avaliar ou raciocinar processos ou tarefas que envolvam números ou conceitos matemáticos. Percebe-se desde muito cedo, mas é na escola que todos os sinais e dificuldades se expressam de maneira clara e explícita, pois as exigências são maiores e a sequenciação de tarefas que envolvem aritmética e proporções passam a ser rotineiras. A discalculia é um problema biológico e inato que nada tem a ver com aspectos do ambiente afetando a capacidade do aluno em aprender matemática. A dificuldade, por sua vez, ocorre por vários motivos: incompreensão com a noção de quantidade associada à palavra ou conceito numérico; dificuldade em usar a linguagem adequada para representar o número; problemas de espacialidade e proporcionalidade em relação ao número correspondente; e pouca aptidão para relacionar conceitos matemáticos (como por exemplo, relacionar porcentagem com divisão e conseguir resolver processos que envolvem abstração e representação mental).

- **Estratégias de ensino:**

1. Realizar as provas em sala separada, silenciosa e adequada;
2. Oferecer tempo adicional para a realização de provas e atividades, pois os indivíduos com transtornos de linguagem processam as informações de modo mais lento;
3. Fazer a leitura da prova para o aluno, questão por questão e esclarecer dúvidas;
4. Verificar se o aluno entendeu o que foi perguntado nas questões;
5. Solicitar ao aluno que explique oralmente aquilo que escreveu;
6. Realizar provas orais sempre que o aluno não for capaz de escrever as respostas e para se certificar de que assimilou o conteúdo pedagógico;
7. Fazer avaliações que contenham múltiplo formato, tais como: questões objetivas,

dissertativas, de múltipla escolha ou com espaços a completar. Podem ser realizadas individualmente ou em grupo, com ou sem consulta;

8. Permitir ao aluno o uso da tabuada impressa, calculadora, tabelas, fórmulas e dicionário sempre que necessário;
9. Utilizar metodologia de ensino que priorize o exemplo, a atividade prática e a aplicação do conteúdo;
10. Não descontar pontos da nota final em função de erros relacionados à disfunção;
11. Não corrigir provas ou trabalhos com a cor vermelha;
12. Facilitar a inclusão do aluno em atividades e trabalhos em grupo;
13. Não expor o aluno a situações em que ele tenha que ler em público ou a qualquer constrangimento;
14. Não corrigir sistematicamente erros de fala, principalmente na presença de outras pessoas;
15. Trabalhar em conjunto com os profissionais que atendem o aluno;
16. Utilizar recursos multimídia;
17. Permitir ao aluno o uso de computador (com corretor ortográfico) e de gravador;
18. Cobrar dos pais o cumprimento dos encaminhamentos mencionados no relatório.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA

- **O que é?**

O autismo, também chamado de Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno global do desenvolvimento (TGD) que tem influência genética e é causado por defeitos em partes do cérebro, como o cerebelo por exemplo. Caracteriza-se por dificuldades significativas na comunicação e na interação social, além de alterações de comportamento, expressas principalmente na repetição de movimentos, como balançar o corpo, rodar uma caneta, apegar-se a objetos ou enfileirá-los de maneira estereotipada. Todas essas alterações costumam aparecer antes mesmo dos três anos de idade, em sua maioria em crianças do

sexo masculino. Para o autista, o relacionamento com outras pessoas costuma não despertar interesse. O contato visual com o outro é ausente ou pouco frequente e a fala, usada com dificuldade. Algumas frases podem ser constantemente repetidas e a comunicação acaba se dando, principalmente, por gestos.

Por isso, evita-se o contato físico no relacionamento com o autista, já que o mundo, para ele, parece ameaçador. Insistir neste tipo de contato ou promover mudanças bruscas na rotina desses alunos pode desencadear crises de agressividade.

- **Estratégias de ensino:**

1. Pedir as famílias um relatório de interesses, preferências e coisas que causam desagrado ao aluno;
2. Utilizar preferências e materiais de agrado para o aluno na aula e no pátio para estabelecer um vínculo com a escola e as pessoas do ambiente escolar;
3. Trabalhar por períodos curtos, de cinco à dez minutos, em atividades de complexidade crescente, incorporando gradativamente mais materiais, pessoas ou objetivos;
4. Falar pouco, somente as palavras mais importantes (geralmente um autista não processa muita linguagem de uma só vez);
5. Utilizar gestos simples e imagens para apoiar o que é falado e permitir a compreensão (os autistas são mais visuais que verbais);
6. Desenvolver rotinas que o aluno possa prever ou antecipar (pela repetição e com o apoio de imagens que mostram o que vai ser feito no dia).
7. Estimular a participação em tarefas de arrumar a sala, entregar materiais aos outros alunos, etc;
8. Entregar objetos no canal visual. O adulto deve ter o objeto na mão diante dos olhos para que o aluno possa pegar o objeto tendo o rosto do adulto dentro do seu campo de visão;
9. Respeitar a necessidade de estar um momento sozinho, de caminhar ou dar saltos ou simplesmente perambular para se acalmar (pode ser utilizado como prêmio após uma atividade);

10. Tentar conhecer as capacidades de cada aluno para utilizá-las como entrada para as atividades de ensino (pintar, recortar, etc);
11. Evitar falar muito, muito alto e toda situação que envolva muito estímulo (pode ser até nocivo para o aluno);
12. Pergunte sempre como foi a tarde ou o dia anterior, a qualidade do sono ou se houver alguma alteração da rotina para se antecipar a estados emocionais de ansiedade. Em caso de ansiedade, procure utilizar elementos de interesse e preferência do aluno, com menor exigência para não ter birras ou maior ansiedade;
13. Em casos de birra, é importante ter algum conhecimento de técnicas de modificação de conduta (time out, desvio de atenção, etc), mas a primeira dica é não se apavorar, tentar oferecer outros objetos e, no caso de não conseguir acalmar o aluno, explicar a turma o que está acontecendo e desenvolver atividade com o grupo em outro lugar e dar a possibilidade do aluno com TEA de se acalmar.

BAIXA VISÃO OU CEGUEIRA

- **O que é?**

BAIXA VISÃO: É definida como uma condição na qual a visão do aluno não pode ser totalmente corrigida por óculos, interferindo em suas atividades diárias, assim como a leitura e a locomoção. A baixa visão é o resultado de condições oftalmológicas como degeneração macular, glaucoma, retinopatia diabética, ou catarata. As pessoas com baixa visão necessitam de auxílios ópticos como óculos, lentes corretivas, lupas simples e/ou eletrônicas, e não ópticos que se caracterizam pelos textos com caracteres ampliados e uso de tecnologias assistivas como softwares ampliadores e leitores de tela e os livros digitais acessíveis MEC Daisy.

CEGUEIRA: É a falta de percepção visual devido a fatores fisiológicos ou neurológicos. A cegueira total caracteriza-se pela completa perda de visão, sem percepção visual de luz e forma. A cegueira pode ser congênita ou adquirida, as pessoas cegas necessitam do sistema de escrita e leitura em relevo denominada Sistema Braille e também de tecnologias assistivas como os softwares leitores de tela e os livros digitais acessíveis MEC Daisy.

• **Estratégias de ensino:**

1. Deixar que eles toquem nos suportes de ensino, os mapas por exemplo podem ser delineados com um fio, como barbante;
2. Gravar as aulas com gravador, para facilitar o acesso às informações;
3. Os alunos com baixa visão poderão ainda beneficiar-se da utilização de letras grandes, lupas, uso de iluminação apropriada, suportes de leitura ou pranchetas e também sempre devemos escrever no quadro com letra grande e clara;
4. Identificar-se antes de falar, para benefício dos alunos com dificuldades visuais, por exemplo: “aqui é Maria” ou “o meu nome é...”;
5. Leia as instruções para eles, especifique o que está ilustrado nos suportes visuais (por exemplo, do lado esquerdo está... e do lado direito está...);
6. Deixar os alunos sentarem onde possam ver (no caso da baixa visão) e ouvir (no caso da cegueira) melhor;
7. Reduza, e se possível elimine o ruído de fundo para permitir que haja concentração total no que o professor está dizendo, e para evitar que haja distração de outros sons;
8. Informar a localização dos objetos da sala, estimular a mobilidade;
9. Avisá-lo quando mudar algo de lugar na sala;
10. Valorizar recursos sonoros, planejar aulas com mais recursos sonoros;
11. Os alunos com cegueira devem ser ensinados a utilizar o braille e deve ter acesso a materiais impressos em braille.

SURDO - CEGUEIRA E DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

- **O que é?**

SURDO – CEGUEIRA: É a perda substancial da visão e da audição, de tal forma que a combinação das duas deficiências cause extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, de lazer e sociais. O comprometimento simultâneo de ambos os sentidos varia de pessoa para pessoa. Alguns surdo-cegos têm audição residual e até fala, nos casos em que a surdez evoluiu depois de o indivíduo já ter adquirido a linguagem oral.

DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA: É a ocorrência de duas ou mais deficiências simultaneamente, sejam deficiências intelectuais, físicas ou ambas combinadas. Não existem estudos que comprovem quais são as mais recorrentes. As causas podem ser pré-natais, por má formação congênita e por infecções virais como rubéola ou doenças sexualmente transmissíveis, que também podem causar deficiência múltipla em indivíduos adultos, se não tratadas.

- **Estratégias de ensino:**

1. Rotina da Escola: estabeleça símbolos na sala de aula para que o aluno surdocego compreenda aos poucos sua rotina escolar: ao entrar na sala ele toca a porta, o quadro e o giz, sempre na mesma ordem e com a ajuda do professor ou de um colega. Antes de iniciar uma atividade, ele pode passar as mãos nas folhas de um caderno. O mesmo mecanismo serve para a hora do lanche e de ir embora;
2. Roda de brincadeira: observar o comportamento dos alunos sem deficiência ajuda aqueles que têm deficiência múltipla a se desenvolver. Por isso faça jogos e brincadeiras que reúnam a turma no final das aulas. Se o aluno com paraplegia, por exemplo, tem dificuldade para se movimentar, sente-o no chão (se o médico autorizar), em roda com os demais, e proponha uma atividade em que eles usem as mãos e os braços;
3. Incentivo ao movimento: se o médico autorizar deixe-o menos tempo na cadeira de rodas, ele se sentirá instigado a se mexer ao se sentar com os colegas num tapete ou tatame;
4. Histórico do aluno: pesquise tudo sobre a criança, de onde ela vem, como é a família, como se comunica e quais são as brincadeiras preferidas. Na avaliação, valorize a

evolução do aluno, dentro de seus limites, e não os resultados. Afinal, em certos casos há um grande avanço entre chegar sem falar e depois participar das aulas oralmente.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA OU SURDEZ

- **O que é?**

É a perda parcial ou total da audição, causada por má formação (causa genética), lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo. A deficiência auditiva moderada é a incapacidade de ouvir sons com intensidade menor que 50 decibéis e costuma ser compensada com a ajuda de aparelhos e acompanhamento terapêutico. Em graus mais avançados, como na perda auditiva severa (quando a pessoa não consegue ouvir sons abaixo dos 80 decibéis, em média) e profunda (quando não escuta sons emitidos com intensidade menor que 91 decibéis), aparelhos e órteses ajudam parcialmente, mas o aprendizado de Libras e da leitura orofacial, sempre que possível, é recomendado. Perdas auditivas acima desses níveis são consideradas casos de surdez total.

Quanto mais agudo o grau de deficiência auditiva, maior a dificuldade de aquisição da língua oral.

- **Estratégias de ensino:**

1. Falar com naturalidade e clareza, sem exagerar no tom de voz e na gesticulação;
2. Certificar-se de que este estudante consegue ver perfeitamente o seu rosto, mesmo em ambientes com pouca luz, lembrando que ele deve ter preferência para ocupar a primeira fila da sala de aula para possibilitar a leitura labial;
3. Nas provas discursivas e de redação, valorizar o aspecto semântico do texto sobre o aspecto formal;
4. Fornecer ao estudante, com antecedência, cópias dos recursos visuais que serão utilizados em aula, assim como uma lista de terminologias e apontamentos da disciplina, para auxiliar o acompanhamento do conteúdo;
5. Escrever datas e informações importantes na lousa, para ter certeza de que foram entendidas por todos;

6. Evitar permanecer em frente a janelas e outras fontes de luz, pois o reflexo pode obstruir a visão;
7. Evitar caminhar na sala enquanto realiza explicações, permanecendo, preferencialmente, próximo ao estudante com deficiência auditiva de modo a possibilitar a leitura labial;
8. Evitar explanar o conteúdo enquanto estiver de costas escrevendo na lousa. Procurar dirigir a palavra ao aluno;
9. Ao falar, não bloquear a área em volta da boca (com a mão ou microfone, por exemplo), de modo a não impedir a visualização da articulação das palavras;
10. Durante as discussões, repetir as questões ou comentários feitos, indicar quem está falando e não permitir que mais de uma pessoa fale ao mesmo tempo;
11. Organizar sempre que possível, a sala em semicírculo, favorecendo a visualização de todos os participantes e indicando a pessoa que está com a palavra em cada momento;
12. Utilizar variedades de recursos visuais no desenvolvimento das aulas que facilitem a aprendizagem, como cartazes, gravuras, fotos, apresentações em power- point, vídeos, etc. No caso de utilização de vídeos, estes devem ser legendados, considerando a necessidade do recurso visual devido a perda auditiva do estudante;
13. Permitir a utilização de recursos tecnológicos pelos estudantes, tais como: gravador, receptor e transmissor auditivo, sistema FM, notebook, entre outros, para a gravação de suas aulas.

TDAH

- **O que é?**

É um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade

- **Estratégias de ensino:**

1. Lugar estratégico: acomode o aluno longe de distrações (como janelas/portas). Escolha

lugares perto de outros alunos que possam dar bons exemplos e até ajudá-lo. O lugar também deve ser próximo da mesa do professor;

2. Informações claras: seja sempre muito claro sobre as tarefas, tanto as de sala de aula quanto as lições de casa. Dê prazos e estabeleça regras;
3. Abuse de recursos: use gráficos, planilhas, imagens, listas e cores diferentes para ensinar as matérias;
4. Por partes: como a atenção e concentração são afetadas no TDAH, procure dividir as atividades em blocos. Procure passar uma instrução por vez, de preferência fazendo contato visual;
5. Combine sinais com o aluno: crie sinais para se comunicar com o aluno sobre os comportamentos esperados, por exemplo, prestar atenção na matéria, fazer a tarefa proposta, etc. Pode ser um sinal com a mão, um toque no ombro, etc. Se precisar chamar a atenção, faça isso em particular, jamais na frente dos outros alunos. Caso o comportamento não esteja afetando os outros alunos, procure ignorar;
6. Adequação das avaliações: se for possível, dê provas e testes desmembrados e com poucas questões. Evite questões com mais de um item, alunos com TDAH tendem a responder somente o primeiro item. Além disso, o ideal é que esses alunos tenham pelo menos 50% de tempo a mais para fazer as provas. Substituir as provas por trabalhos também pode ser uma opção;
7. Reforço positivo: quando o aluno completar uma tarefa/lição proposta elogie pontualmente. O reforço positivo é ideal para quem tem TDAH;
8. Organização: ajude o aluno a organizar os materiais das aulas, separando as matérias em pastas/cadernos diferentes;
9. Exponha-o somente no momento certo: evite fazer chamada oral com esse aluno quando ele não está prestando atenção, pois ter que responder uma questão publicamente pode deixá-lo nervoso;
10. Relação com os pais: mantenha um canal de comunicação diário com os pais. O acompanhamento do TDAH envolve pais, educadores e profissionais de saúde. Todos precisam se unir para ajudar o aluno em todos os aspectos.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

- **O que é?**

Em geral, o aluno tem mais dificuldade para interpretar conteúdos abstratos, o que exige estratégias diferenciadas por parte do professor. Pessoas com deficiência intelectual ou cognitiva costumam apresentar dificuldades para resolver problemas, compreender idéias abstratas (como as metáforas, a noção de tempo e os valores monetários), estabelecer relações sociais, compreender e obedecer regras, e realizar atividades cotidianas, como por exemplo as ações de autocuidado. A capacidade de argumentação desses alunos também pode ser afetada e precisa ser devidamente estimulada para facilitar o processo de inclusão e fazer com que a pessoa adquira independência em suas relações com o mundo. As causas são variadas e complexas, sendo a genética a mais comum, assim como as complicações perinatais, a má formação fetal ou problemas durante a gravidez.

- **Estratégias de ensino:**

1. Dar tempo para o processamento da linguagem e para responder;
2. Escutar atentamente;
3. Falar frente a frente e com os olhos nos olhos do aluno;
4. Usar linguagem simples e familiar, com frases curtas e enxutas;
5. Checar o entendimento – pedir para o aluno repetir instruções dadas;
6. Evitar vocabulário ambíguo;
7. Reforçar a fala com expressões faciais, gestos e sinais;
8. Ensinar a ler e usar palavras impressas para ajudar a fala e a pronúncia;
9. Reforçar instruções faladas com instruções impressas, usar também imagens, diagramas, símbolos e material concreto;
10. Enfatizar palavras-chave reforçando-as visualmente;
11. Ensinar gramática com material impresso, cartões de figuras, jogos, figuras de

preposições, símbolos, etc;

12. Evitar perguntas fechadas e encorajar o aluno a falar além de frases monossilábicas;
13. Encorajar o aluno a falar em voz alta na sala dando a ele estímulos visuais. Permitir que eles leiam a informação pode ser mais fácil para eles do que falar espontaneamente;
14. O uso de um diário para casa e escola pode ajudar os alunos a contar suas “novidades”;
15. Desenvolver a linguagem através de teatro e faz de conta;
16. Criar oportunidades onde ele possa falar com outras pessoas, por exemplo, levar mensagens, etc;
17. Providenciar várias atividades e jogos de ouvir por pouco tempo e materiais visuais e táteis para reforçar a linguagem oral e fortalecer as habilidades auditivas
18. Oferecer exercícios extras, orientação e encorajamento – todas as habilidades motoras melhoram com a prática;
19. Oferecer atividades para o fortalecimento do pulso e dedos, como por exemplo: alinhar, seguir tracinhos com o lápis, desenhar, separar, cortar, apertar, construir, etc;
20. Usar um leque de atividades e materiais multi-sensoriais;
21. Procurar que as atividades sejam o mais significativas e prazerosas possível;
22. Limite a quantidade de instruções verbais a uma de cada vez;
23. Dê tempo à criança para processar e responder as colocações verbais;
24. Repita individualmente para o aluno qualquer informação ou instrução que foi dada a classe como um todo;
25. Tente evitar instruções ou discussões na classe que sejam muito longas;
26. Planeje traduções visuais e ou atividades alternativas;
27. Construa uma gama de tarefas curtas, focalizadas e definidas claramente nas aulas;
28. Varie o nível de demanda de tarefa para tarefa;
29. Varie o tipo de apoio;

30. Use os outros colegas para manter o aluno trabalhando;
31. Crie uma caixa de atividades. Isso é útil para as horas em que o aluno terminou sua atividade antes de seus colegas, precisa mudar de tarefa ou precisa dar um tempo. Coloque uma série de atividades que o aluno gosta de fazer, incluindo livros, cartões, jogos de manipulação, etc. Isso encoraja a escolha dentro de uma situação estruturada. Deixar que outra criança participe é uma boa maneira de encorajar amizade e cooperação;
32. Reforce o aprendizado de conceitos abstratos com materiais concretos e visuais;
33. Explique sobre a grade de horários, rotinas e regras escolares explicitamente, dando tempo e oportunidade para que aprenda;
34. Providencie uma grade de horários visualmente atraente: use palavras, desenhos, figuras, fotos, etc. Essas fotos podem ser mostradas ao aluno antes da atividade ser começada, a progressão da aula durante o dia deve poder ser acompanhada pelo horário, certifique-se de que o aluno sabe qual será a próxima atividade;
35. Prepare o aluno com antecedência se souber que haverá alguma mudança de rotina e informe os pais;
36. Não coloque sempre o aluno junto com o grupo menos capaz ou menos motivado. Alunos com deficiência intelectual se beneficiam por trabalhar com crianças mais capazes se as tarefas forem adequadamente diferenciadas;
37. Promova a conscientização sobre as deficiências, através de, por exemplo, uma discussão com toda a classe. É importante que os alunos se familiarizem com o colega, entendam seus pontos fortes, seus pontos fracos, sua capacidade, e também reconheçam que ele tem as mesmas necessidades emocionais e sociais;
38. Use a ajuda dos colegas no lugar de adultos sempre que possível.